

## Índice

I. Ernst e Mylia	11
II. Theodor	25
III. Hanna, Theodor, Mylia	29
IV. Theodor, Hanna, Mylia	35
V. Ernst, Mylia	55
VI. Theodor, Mylia	57
VII. Hinnerk, Hanna	65
VIII. Hanna, Hinnerk	73
IX. Os Loucos	77
X. Kaas	85
XI. Hinnerk	93
XII. Gomperz, Theodor	101
XIII. Theodor, Gomperz, Krauss	107
XIV. Gomperz, Theodor	117
XV. <i>Europa 02</i>	125
XVI. Theodor	137
XVII. Kaas, Hinnerk	141
XVIII. Theodor, Kaas	147
XIX. Theodor, Kaas, Thomas	151
XX. Theodor, Thomas, Kaas	157

XXI. Hinnerk, Kaas, Ernst, Mylia	165
XXII. Gomperz, Mylia, Lanz, Godicke, Wisliz, Gada, Thinka, Witold	169
XXIII. Ernst, Mylia, Hinnerk, Hanna, Theodor	183
XXIV. Ernst, Mylia, Kaas, Theodor	187
XXV. Hanna, Hinnerk, Theodor, Mylia, Gothjens	193
XXVI. Ernst	197
XXVII. Theodor	205
XXVIII. Kaas, Ernst, Gomperz	215
XXIX. Ernst, Gomperz, Mylia, Hinnerk	219
XXX. Ernst, Mylia, Hinnerk, Theodor, Hanna	235
XXXI. Mylia	243
XXXII. Mylia, Ernst, Hinnerk	245

## Capítulo I

### Ernst e Mylia

#### 1

Ernst Spengler estava sozinho no seu sótão, já com a janela aberta, preparado para se atirar quando, subitamente, o telefone tocou. Uma vez, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze, catorze, Ernst atendeu.

Mylia morava no primeiro andar do número 77 da Rua Moltke. Sentada numa cadeira desconfortável pensava nas palavras fundamentais da sua vida. Dor, pensou, dor era uma palavra essencial.

Havia sido operada uma vez, depois outra, quatro vezes operada. E agora aquilo. Aquele ruído no centro do corpo, no miolo. Estar doente era uma forma de exercitar a resistência à dor ou a apetência para se aproximar de um deus qualquer. Mylia murmurou: a igreja está fechada de noite.

Quatro da manhã do dia 29 de Maio, e Mylia não consegue dormir. A dor constante vinda do estômago, ou talvez mais de baixo, de onde vem exactamente a dor larga, que não pertence a um ponto? Talvez da parte de baixo do estômago, do ventre.

O certo é que eram quatro da manhã e ainda não descansara um minuto. Fechar os olhos quando se tem medo de morrer?

Levantou-se. Mylia era uma mulher magra, mas forte. Não utilizava os dedos para ninharias. (Muitas vezes repetia a frase: não utilizar os dedos para ninharias.) Concentrava-se; sabia que tinha poucos anos de vida; a doença veio: ficamos juntas uns anos, depois ela permanece e eu parto. Pois bem, havia que concentrar a energia que existe nos dias ou que existe num corpo e se dirige aos dias, concentrá-la — à energia — como a um rolo de carne, estar pronta para agir. Dispensando ninharias. Os dedos devem tocar só no que é espesso, no que é fundamental; o urgente tem de coincidir com o essencial, com o que altera de alto a baixo. Como uma pancada forte no momento em que a recebemos: todas as coisas do dia mais insignificante se devem aproximar desse momento em que se recebe uma pancada forte. Mylia olhava-se ao espelho: estou viva e já dei um passo mau. Estar doente é ter dado um passo mau, um passo diabólico, murmurou Mylia. Uma doença que altera de alto a baixo.

Mas nesse dia, às quatro da manhã, decidira sair de casa. De noite a dor desce sobre o corpo de modo distinto. Como um concentrado químico, uma substância que lentamente desliza por um declive mínimo que os olhos mal conseguem perceber. Entre o dia e a noite a superfície não é plana. Um ligeiro declive.

Concentrada a dor nesse sítio largo que não era um ponto — entre o baixo estômago e o ventre — Mylia estava na rua à procura de uma igreja.

Surpreendido, um vagabundo diz que não sabe. Uma igreja?, pergunta.

E de noite, diz o homem, podem roubá-la. Não deve procurar uma igreja, mas sim a polícia para a proteger. Onde quer ir a estas horas? Eu podia roubá-la, senhora.

Mylia sorriu, afastou-se. A dor não a deixava concentrar-se num diálogo.

*Não quero a polícia, quero uma igreja. Sabe se estão fechadas a esta hora?*

Os pés distantes dos sapatos. Era evidente que os sapatos rasos, à homem, que Mylia usava, obedeciam ao movimento dos pés. Ossos e músculos têm vontade, o material de que são feitos os sapatos não. O material de que são feitos os sapatos é treinado para obedecer, sobre isso não tinha dúvidas. Obedeçam, sapatos, murmurou Mylia, com uma perversão ingênua. Como as substâncias se separavam logo à partida entre as que avançavam com a vontade própria e as que esperavam com obediência estática (e nisso dividiam-se como alguns homens)! Os sapatos eram a obediência pura, a escravidão mesquinha, enojavam-na naquele momento; a sabujice destes materiais em relação ao homem. Nenhum cão é tão sabujo como estas substâncias.

Não há possibilidade de diálogo entre substâncias que nascem logo em campos opostos, em campos, não inimigos, que isso seria pensar na possibilidade de combate, de chamamento de energias, possibilidade de elevação do homem que agarra na arma para combater; ali, pelo contrário, o afastamento não era entre substâncias inimigas ou entre dois predadores que se preparam para combater por um pequeno território; tratava-se simplesmente de passividade absoluta de um lado, e do outro, de energia forte, que constrói ou destrói, mas que modifica sempre. Não somos uma coisa que espera, murmura Mylia, enquanto avança a passos fortes para a igreja.

— A igreja está fechada. Sabe que horas são? Quase cinco da manhã. E não deveria estar aqui. De noite esta zona é má, é uma zona perigosa.

Mylia sentiu vontade de rir em frente ao bom homem. Zona má porque perigosa! Ela que vem com a doença, uma doença que já está dentro e a vai matar num ano, dois, não mais. Ela que está com a morte fechada num sítio de onde já não sai; ela quer precisamente o perigo, aquilo que ainda a excite, que ainda revele nela energia suplementar. Esteve à beira de dizer ao homem, certamente trabalhador na igreja em ofícios menores, esteve tentada a dizer: se esta zona é perigosa, não é uma zona má. Aqui se poderá construir.

Porque o perigo era uma pergunta para a qual se teria de encontrar resposta rapidamente. E o que necessito é de uma boa pergunta, de uma pergunta exacta, pergunta que me obrigue a encontrar uma grande resposta, aquilo que dê sentido. A doença já não é um lobo que eu possa assustar com algo mais forte. Não é o lobo assustável, já não se separa de mim.

Mylia disse:

— Não tenho medo do perigo, só queria entrar na igreja, agora.  
— São cinco da manhã. Está tudo a dormir. Esta zona é perigosa. Deve voltar a casa. De manhã já todos descansámos; nessa altura encontrará o que quer. A esta hora não se recebem bons conselhos. As pessoas estão cansadas.

Mylia permaneceu por instantes em silêncio; contorceu-se com a dor estranha que sobressaía, lateralmente, da grande dor constante vinda do estômago. Esta outra dor vinha de um sítio mais acima.

— Desculpe, senti uma dor.

— Deve regressar a casa; é muito tarde.

Mylia recompôs-se. Perguntou:

— Há alguma igreja que ainda esteja aberta?

## 2

O homem despediu-se ou foi Mylia que se afastou. A pequena porta lateral fechou-se; tudo encerrado, até a pequena porta lateral. Um edifício-prisão, Mylia começou a rodeá-lo.

Havia um trabalho em altura, os homens tinham subido a escadotes para fazerem a igreja. Em pontas dos pés para pegar em tijolos, pensou Mylia, divertida. Elevar-se para colocar um tijolo uns centímetros mais acima, que bela tarefa para um homem.

Mylia teve um pensamento que ainda a fez sorrir mais e logo a seguir corar. Sentia uma pressão na bexiga.

Passava das cinco da manhã. As portas estavam fechadas, o homem mais simpático (ou o mais atento aos ruídos à volta da igreja) falara com ela, um homem insignificante que pedira desculpas por a igreja estar fechada.

Mylia conhecia o mundo: um homem que às cinco da manhã pede desculpa a um desconhecido é um ser mesquinho. Deve limpar as imundícies, pensou, mas logo se arrependeu dessa imagem.

Porém não era esse pensamento que a fizera corar. Mylia estava com a bexiga cheia, e ali, em redor da igreja, não se via nin-

guém. O que ela pensou foi isto: um homem orgulhoso e com pouco respeito pelo mundo que existe à volta, se estivesse com a bexiga cheia, encostar-se-ia à parede, pegaria no pénis e começaria a urinar. E a vontade de Mylia naquele momento era fazer isso mesmo: urinar para a parede exterior da igreja.

Não era tanto o desejo de deixar a sua marca, como os cães, num sítio onde não a tinham deixado entrar; não se tratava ainda de qualquer instinto de provocação ou de repulsa perante os horários de atendimento que, naquele dia, por azar, não haviam coincidido com os seus desejos e necessidades, nada disso: Mylia ia fazer quarenta anos, já não investia em acções somente para provocar. E estava doente: decidira concentrar a energia que lhe restava: qualquer acção dirigia-se única e exclusivamente para si própria. Ajo para mim, actuo como se vivesse em frente ao espelho. Egoísmo ou, afinal, boa economia dos impulsos.

A vontade de urinar junto à parede da igreja não passava pois por qualquer exibicionismo. Era a imagem vertical, humana no seu sentido mais biológico, de um homem em pé, segurando no pénis e urinando contra a parede da igreja às cinco da manhã, era essa imagem que Mylia perseguia e, de certa maneira, naquele momento, invejava. Nunca até ali se arrependera de ser mulher (ou tentara fazer algo ‘masculino’), mas naquele momento, de uma maneira estranha e desnecessária — pouco racional mesmo — sentia nojo em não ser homem. Como se tivesse falhado desde o início.

Para ela era evidente que, se decidisse urinar, àquela hora da noite, contra a parede da igreja, não conseguiria escapar ao ridículo. Em que posição cumpriria esse acto? De frente ou virando as nádegas, encostando-as à parede, dobrando-se e urinando? Qualquer das opções a obrigaria a curvar-se ligeiramente, e era o ‘ligeiramente’ que a irritava. Um ser vivo ou se curvava por com-



pleto, atirando-se para o chão, se necessário, assumindo a cobar-  
dia, ou mantinha-se direito, sem uma única hesitação. E ela não  
podia fazer isso. Em qualquer das alternativas fortes do corpo ela  
sujaria as calças. Assim, o passo que deu a seguir, afastando-se  
ligeiramente da parede da igreja, foi sentido como humilhação,  
como a manifestação de um: não sou capaz.

Surgiu-lhe depois uma outra imagem. Se alguém a visse urinar  
junto à parede pensaria estar perante uma louca. Mylia tinha pe-  
quenos medos, medos domésticos; assustava-se, como tantas  
pessoas que conhecia, com ratos, era atravessada por um histeris-  
mo inútil no momento em que um desses pequenos animais cin-  
zentos se atravessava no seu caminho; temia também a violência  
física. Um medo grande, este: o do contacto físico violento com  
outros humanos. E desde cedo se protegera. Podem partir-me,  
lembrava-se de pensar. E assim se afastara. Aproximava-se das  
pessoas apenas quando tinha a certeza de ser bem tratada. *Tocada  
pela mão boa*. Era, pois, com muita estranheza que Mylia obser-  
vava alguns homens e mulheres que adoravam o confronto cor-  
po-a-corpo, a agressividade entre matérias, o conflito.

O outro grande medo de Mylia era o de alguém voltar a olhar  
para si e murmurar: eis uma louca!

Não queria voltar a parecer louca. Era evidente que logo a se-  
guir à constatação errada (eis uma louca!) as pessoas veriam que  
ela não o era, e que fazia afinal o que as pessoas normais faziam,  
porém bastava um olhar que a considerasse fora da razão, bastava  
pensar nessa hipótese para ficar aterrorizada. Ninguém mais dirá  
que estou louca, murmurava Mylia.